

# Imagens, docência e identidade

Maria Cecília Lorea Leite  
Álvaro Moreira Hypolito  
Rochele de Quadros Loguercio

## Resumo

Este texto analisa imagens docentes a partir de uma investigação com três turmas de estudantes de três diferentes cursos universitários para formação docente. O texto discute a construção das imagens docentes a partir de imagens filmicas e de como as imagens e identidades docentes vêm sendo debatidas na área. São analisadas imagens de docentes desenhadas por estudantes dos três cursos, a partir de atividades propostas pelos docentes das disciplinas. O texto discute os elementos mais significativos dos desenhos produzidos como representação da imagem que os estudantes e a sociedade fazem da docência e como essas imagens realimentam e reconstróem uma identidade centrada na vocação. Conclui que os estudantes, ao desenharem as figuras dos docentes, fazem referência a uma docente vocacionada, feminina, e a uma identidade construída no imaginário social como conservadora.

**Palavras-Chave:** Imagens; Docência; Identidade.

## Images, Teachers, and Identity

### Abstract

This article analyzes the teachers images from an investigation with three classes of students of the three higher courses of teachers formation . The text discuss the teachers image construction from the movies images and how the teachers images and identity have been discussed in the educational field. The teachers image are analyzed by the drawings made by the students of the three courses, from the activities proposed by the discipline teacher. The text

discuss the more significant elements of the produced drawings as a representation image that the students and the society perform of the teaching and with those images re feed and rebuild an image focused on the vocation. The paper concludes that students' drawings represent a particular view of teaching and teachers, based on a missionary and female profession, and states that teacher identity has been socially constructed from a conservative view.

**Key-words:** Images; Teachers; Identity.

## Introdução

Este estudo apresenta os resultados de um exercício sobre imagens da docência, realizado em uma universidade pública do sul do Brasil, no ano de 2006, com três grupos de estudantes de três diferentes cursos superiores de formação docente. Como proposta de três disciplinas, duas de graduação e uma de especialização, cada uma sob responsabilidade de um dos autores, os estudantes foram convidados a desenhar, em aula, imagens da docência, acompanhadas ou não de alguma descrição. Num momento seguinte, após processo de digitalização, as imagens foram apresentadas e debatidas coletivamente em sala de aula.

Consideramos que, ao propor este exercício aos estudantes, poderíamos, por meio de seus desenhos, aproximar-nos de um imaginário social sobre a docência, pois este é, em parte, expressão da experiência vivida como estudantes; em parte, influência da mídia (cinema, literatura, imagens, etc.) e, em parte, construção histórica e cultural da docência pela sociedade.

No primeiro curso, os cinquenta alunos estavam iniciando a formação docente para a escola elementar. No segundo curso, doze alunos estavam iniciando formação para Licenciatura em áreas científicas e dezoito encontravam-se em etapa mais avançada de formação, cursando o Estágio Supervisionado de Química, Física e Biologia. No terceiro curso, estavam presentes trinta e um alunos do segundo semestre de um curso de Pós-Graduação Lato Sensu em

Educação, provenientes de diferentes áreas da graduação, em busca de formação continuada. Uma parte significativa desses estudantes encontrava-se em exercício do magistério ou atuando em outros campos profissionais. No caso específico desse grupo, suas imagens refletem, ainda, suas experiências na passagem pela universidade, como alunos de graduação e de pós-graduação e como profissionais na sociedade.

Evidentemente, as imagens que são objeto desta investigação são complexas e é preciso reconhecer que estas, tal como afirma Fischman (2005, p.19) em estudo similar, não se constituem em uma única instância. Há múltiplos níveis de reconstrução discursiva e conflitos intervindo, o que, como indicam Weber e Mitchell (1996), pode expressar-se por intermédio das roupas, do gênero e dos modelos de ensino.

Fischman (2005) focaliza as dinâmicas de gênero na formação docente, relacionando-as com as imagens e a imaginação pedagógica de futuros docentes. Sua teorização mostrou-se bastante produtiva para nosso estudo, especialmente pela articulação de sua temática com os sentidos atribuídos aos conceitos de vocação e autoridade.

Assim, o autor identifica um aspecto de dualidade no *ser professor* ou *professora*, que envolve conotações para além do profissional, em um sentido mais amplo do que simplesmente ter competência na área de Artes e Ciências da Educação. Reporta-se à condição de resposta a um chamado vocacional que envolve “a transmissão de conhecimentos e de valores coletivos da nação”, o desempenho de uma missão considerada quase sagrada (FISCHMAN, 2005, p.7).

Para fins deste estudo, exploraremos algumas das imagens construídas pelos/as estudantes as quais julgamos representativas das principais perspectivas apresentadas. Nosso intuito, na criação desses espaços de reflexão e crítica desde a sala de aula universitária, é analisar os elementos mais significativos das imagens que os alunos e a sociedade fazem da docência, assim como contribuir para a produção do cotidiano de nossos cursos de formação docente e para uma reflexão

acerca de como essas imagens podem realimentar e reconstruir identidades docentes.

### **Cinema, literatura e desenhos: a construção de imagens docentes**

Podemos falar de uma *pedagogia da mídia* na contemporaneidade ou falar de representação, pois concordamos com Silva (1999a) quando argumenta que a análise cultural está centrada nos aspectos de construção e de produção das práticas de significação e que a imagem reflete a realidade e que a representação é a realidade. (Isto é: a realidade que importa).

Em nossa análise sobre as imagens, consideramos as representações sobre professor apresentadas em produções de tipo hollywoodianas, exatamente por entendermos que tais produções cinematográficas estão bastante disponíveis para os sujeitos que participaram deste trabalho. O texto de Mary Dalton (1996) serve como referente para essa incursão, principalmente no que se refere a uma representação docente em que a estrutura do sistema de ensino é mantida e o professor aparece como uma figura solitária, com um comportamento que se poderia denominar de *outsider*.

Esta figura no trabalho de Dalton (1996) é sempre representada em personagens caracterizadas como “bons professores”, agentes de mudanças e heroicas personagens presentes num cenário de anarquia e caos escolar, embora parta de um sistema educacional estruturado e no qual o professor isolado em sua ética pouco ou nada interfere. De acordo com Dalton (1996), o professor de Hollywood deve sensibilizar o público em geral, mas manter o *status quo*, interferindo pouco ou nada nas práticas curriculares, nas políticas de governo e na definição e relevância dos objetos de ensino para os estudantes em seu contexto.

Quem é o professor representado no cinema hollywoodiano? Para Dalton, ele possui algumas características marcantes e relevantes para o nosso trabalho. A primeira delas é a relação pessoal com os estudantes. Os “bons” professores de Hollywood têm uma vida pessoal (ou não têm

uma vida pessoal) que lhes permite aproximar-se intensamente dos estudantes de forma individual. Sidney Poitier, em *Ao Mestre com Carinho*, é um exemplo deste mito/emblema. O professor interpretado está em um momento de sua vida em que, mais do que construir uma vida própria na qual a docência seja apenas um fragmento, ele busca resgatar a autoestima dos estudantes e dar-lhes condições de sair de uma estrutura social que não lhes permite ser diferente<sup>1</sup>. Este mito projeta um professor que pode ser sério e exigente, divertido e próximo da faixa etária estudantil, licenciado ou não, mas sempre um professor vocacionado, cuidador, dedicado e solitário. Sua vida como sua obra.

Pode-se entender, portanto, que o cinema pode trazer novas materialidades para um discurso persistente, o do fazer docente como ato vocacionado. A vocação pode ser percebida em todos os grupos de estudantes que pesquisamos, embora não esteja associada unicamente à construção de um imaginário docente veiculado pela mídia hollywoodiana. A vocação, como representação, está associada a outros discursos do imaginário social, inclusive aqueles vinculados às origens da docência como atividade controlada por princípios religiosos de resignação, dedicação e profissão de fé.

Outra característica reconhecida por Dalton (1996) nos filmes hollywoodianos tem relação com os modelos de ensino. Nesses modelos, as personagens incorporam características pessoais em suas práticas docentes e introduzem uma estética na sala de aula, incluindo desde novos materiais didáticos até posturas e atitudes singulares (roupas, linguagens, humor). Nesse lugar, raramente os velhos textos se apresentam como válidos e, quando assim se mostram, recebem outro tratamento, como no clássico *Sociedade dos Poetas Mortos*, interpretado por Robin Williams.

Em nossa amostra, aparecem também tais marcações. As imagens transitam tanto por formas tradicionais como formas específicas de ensino, associadas ou não a novas roupagens. Alguns desenhos, nesse

---

<sup>1</sup> Seja essa diferença considerada como ascensão social, construção de uma carreira, ou escolhas específicas.

sentido, representam o professor trabalhando com a realidade dos alunos e enfatizam formas interdisciplinares.

Figura 1

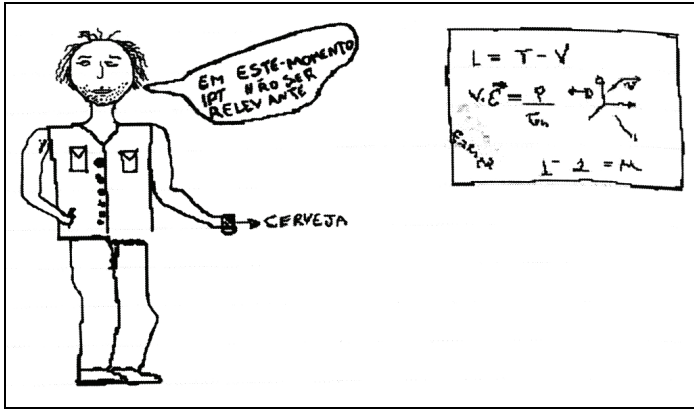
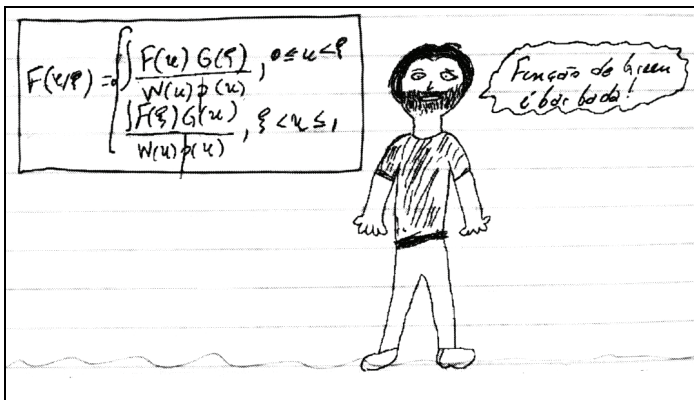


Figura 2



O texto de Dalton transita, ainda, por outros aspectos importantes da estética e da ética hollywoodiana, em termos do que pode ser considerado um “bom” professor. Contudo, para nosso trabalho, parece interessante o exame de outros textos que tratam da docência e relações de gêneros.

Estudos de gênero e de pesquisas influenciadas pelos Estudos Culturais incrementaram, nos últimos anos, discussões em que a docência passa a ser analisada não só a partir da condição de atividade ocupacional, mas também a partir das representações, identidades e múltiplos artefatos culturais que a constituem (GIROUX, 1996). Assim, distintos artefatos culturais, como textos legais, histórias da literatura infanto-juvenil, filmes, revistas pedagógicas, peças publicitárias, cartuns, etc., passam a ser relevantes para uma interpretação mais apropriada da docência (SILVEIRA, 1997; SILVA e MOREIRA, 1995; SILVA, 1999b).

Pode-se perceber, então, que características tradicionalmente tidas como femininas constituem não só a representação de professoras como a própria representação da docência, na qual

as professoras, mas também os professores homens, amam os seus alunos, e é através da concretização desse afeto em gestos concretos que se efetua a redenção desses últimos. A imagem do professor missionário ('Que missão é essa que espalha o conhecimento, propaga o saber e gera idéias!'), que cumpre uma 'missão do amor', (...) comparável à missão religiosa pela ênfase ao amor (SILVEIRA, 2008, p. 3 e 4).

Figura 3

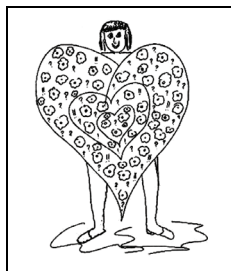
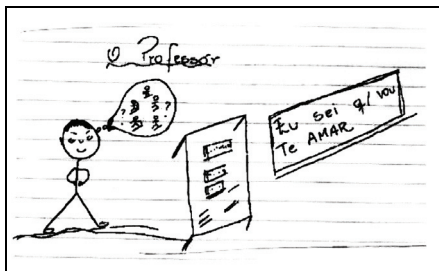


Figura 4



Nessa mesma perspectiva de imagem sacerdotal, Líliliana Ferreira (2008) apresenta um pouco da história da construção da infância junto à profissionalização docente e destaca que havia, no período colonial da educação brasileira, um modelo de professor bem característico: o padre jesuíta. Nas demandas sociais que se seguiram a esse período, abriu-se espaço para uma nova personagem – professora mulher – que é construída através da similaridade entre o ser mãe e o ser professora, embora o ingresso da mulher na profissão docente possa, por outro lado, ter criado um lugar de reconhecimento social para a mulher (HYPOLITO, 1997). Nessa direção, Guacira Louro (1997) mostra que assim foi construída a relação magistério-domesticidade, na qual o magistério se apresenta como uma profissão mais adequada para mulheres, por exigir o cuidado de crianças. O ser professora passa a ser uma extensão do papel de mãe.

Nas imagens produzidas por nossos estudantes, percebemos uma representação do professor e da professora centrada na vocação, no sacerdócio, no gênero, no convencional e nos métodos tradicionais, embora com características próprias do curso de origem dos sujeitos da pesquisa, já que a docência das áreas científicas está marcada não somente pelas representações de professor/a, mas também pelas representações de cientista. No imaginário de senso comum presente nos desenhos, o cientista é reconhecido pelo masculino, assim como frequentemente acontece com o professor da área científica. Algumas imagens espelham os próprios autores ou os seus professores preferidos. A imagem da mulher não se restringe ao tradicional imaginário do feminino na docência. Em alguns casos, à imagem da professora sobrepõe-se a do cientista.

### **O cientista – entre a docência e a ciência**

No grupo de estudantes que cursavam estágio supervisionado nas áreas científicas (Química, Física e Biologia), as imagens docentes representadas marcam os modelos de ensino, em sua maioria evidenciando a necessidade de experimentação para o ensino de Química e de saídas de campo para o ensino de Biologia.



Figura 5

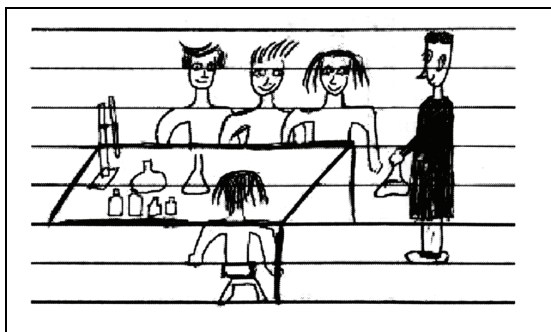
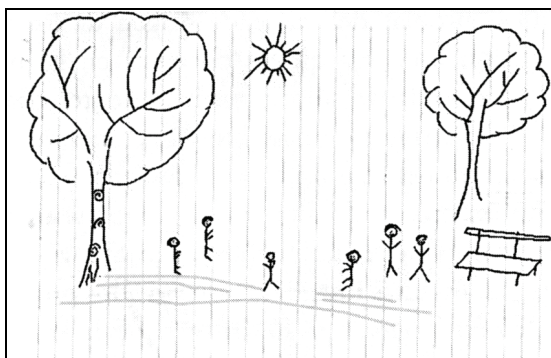


Figura 6



Esta representação do Ensino de Ciências tem relação com os discursos produzidos sobre a Educação em Ciências na década de 70, no Brasil. A experimentação e o que hoje se conhece como técnica da redescoberta produziram um modelo de Ensino de Ciências centrado nos laboratórios (LOGUERCIO et al., 2003).<sup>2</sup>

Outras características das imagens de cientista presentes na amostra

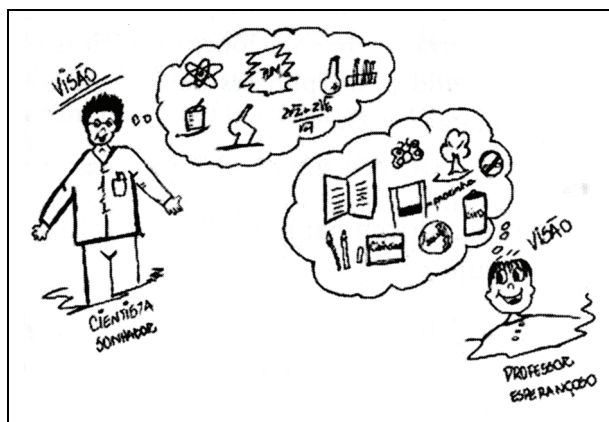
---

<sup>2</sup> Processo semelhante ocorreu, de forma um pouco distinta, na Grã-Bretanha, conforme descrito por Goodson (1995).

remetem-nos à figura estereotipada de Einstein, no sentido de cientista genial totalmente voltado para a ciência e pouco preocupado com a aparência e as coisas mundanas. Nessa direção, a pesquisa de Giordan (2002, p.14) mostra que “em todas as representações, observa-se um cientista do sexo masculino, solitário e interagindo somente com seu mundo. Nas únicas cenas em que se representam outras pessoas, elas são vistas como objetos”.

Junto a essas imagens, podemos perceber também que o professor de Ciências transita entre dois ambientes: um deles, a pesquisa, que aparece associada à imagem da ciência como lugar de questionamentos sobre o mundo, lugar de descoberta; outro, a sala de aula, lugar de respostas, onde os professores transmitem os conhecimentos produzidos alhures. As imagens em que os docentes estão construindo o saber em sala de aula, que são raras, sempre remetem à investigação do cotidiano dos estudantes.

Figura 7



A imagem docente associada às representações hollywoodianas pode ser percebida por desenhos que mostram professores/as em posições informais na sala de aula, como uma professora sentada à mesa, outra num ambiente fora da escola e um professor dando aula

com um copo de cerveja. Os estudantes projetam não apenas imagens docentes com posturas que admiram, mas expressam discursos que se entrecruzam, como o do professor amigo, do professor jovem, do professor preocupado com a formação do cidadão.

A imagem da docência é marcada pelo discurso vocacional. Isso também aparece quando referido às disciplinas científicas, traduzido pela relação pessoal de amor, de empenho e de dedicação dos professores pelos seus alunos. Esse discurso está presente no imaginário social, na mídia, na literatura, no cinema e na escola.

Algumas imagens evidenciam mudanças na postura de professores com relação aos professores tradicionais. No entanto, não se observam indícios de modificações quanto ao conteúdo clássico das disciplinas, seja Química, Física ou Biologia, cujas representações imagéticas tendem a apresentar os conteúdos disciplinares de forma não problematizada (ver Figura 1 e 2).

### **Imagens sobre a docência: para além dos diferentes lugares dos sujeitos**

O tema da identidade docente é frequentemente tratado como algo não problemático e as imagens e representações mais aceitas são naturalizadas. Esta é uma visão estática que despersonaliza a docência e mantém sobre sua imagem uma visão perene, imutável, sempre associada à vocação e acima das mudanças (WEBER e MITCHELL, 1996.). Assim, torna-se bastante aceitável que o magistério sempre tenha buscado se afastar dessas formas estereotipadas e metafóricas sobre a educação e o profissional do ensino. Surpreende-nos que a maioria das imagens construídas pelos estudantes dos cursos de formação docente esteja assentada nessas metáforas tradicionais, o que nos revela quão profundos são esses arquétipos da docência.

Alguns aspectos nas imagens docentes, tais como modelos de ensino, aparência do professor e problematizações sobre gênero e vocação, merecem ser enfatizados por sua presença em todos os cursos analisados.

O mais impressionante em termos de modelo de ensino é que, na grande maioria dos desenhos, o retrato mais comum e típico dos professores é o que apresenta uma professora mulher, branca, em frente a um quadro-negro ou a uma escrivaninha transmitindo algum conteúdo. Isso confirma o que é mostrado no estudo de Weber e Mitchell (1996, p.112), quando concluem que

estes estereótipos tradicionais continuam fortemente incorporados nas crianças de hoje (algumas das quais serão os docentes de amanhã) e nos docentes de hoje (todos que foram as crianças de ontem), a despeito do mito comum de que os métodos de ensino nos dias atuais são radicalmente diferentes.

Britzman (1991) relaciona identidade profissional e esses estereótipos, mostrando que o professorado cai na armadilha das imagens, ao admitir que significados socialmente construídos se transformem em algo considerado inato e natural, essencialista.

Todavia, alguns desenhos representam nitidamente uma tentativa de incorporar discursos críticos e desacomodados, buscando imagens que contestem os modelos tradicionais de ensino e indiquem modos e práticas mais democráticas e inovadoras de ensinar, de relacionamento professor-aluno e de organização do espaço da sala de aula.

Figura 8



No mesmo sentido, quando os estudantes desenham com mais detalhes a aparência dos professores, suas imagens oscilam, principalmente, entre dois tipos de caracterização de modos de vestir, um professor com vestimentas mais casuais e contemporâneas e um que remete a docentes mais tradicionais.

Muitos desenhos mostram docentes bem vestidos e com aparência impecável, demonstrando que os estudantes consideram este um valor importante para a função de ensinar. Sabemos que as escolhas em termos de roupas e acessórios são significativas para as identidades e podem revelar aspectos importantes em termos de status, poder, pertencimento a determinados grupos ou classes sociais.<sup>3</sup>

Muitas docentes foram representadas como professoras tradicionais típicas, cabelos presos, óculos e roupas bem comportadas usadas na primeira metade do século XX. Professores das áreas do Ensino em Ciências são apresentados com roupas de laboratório ou próprias dessas profissões, reforçando um determinado campo científico, ao mesmo tempo em que define um padrão de comportamento e apresentação física.

Há uma produção relevante de trabalhos que debatem a relação entre vocação e gênero no magistério, principalmente no sentido de que o professorado passou por um processo de feminização e que as funções sagradas e maternais da profissão, associadas à vocação, corroboraram a consolidação das características profissionais atuais (HYPOLITO, 1997; 1995).

Em nosso estudo, na maior parte dos desenhos, os docentes são representados como mulheres. Quando representados como homens, é nítida uma referência ao ensino de disciplinas científicas. O estudo mostra que as docentes não são somente representadas como mulheres, mas como certo tipo de mulheres, frequentemente vestidas como “tia”, solteirona, dedicada e impessoal. São imagens marcadas pelo passado e pela tradição.

---

<sup>3</sup> Ver “O Casaco de Marx” para uma discussão mais detalhada do tema (STALLYBRASS, 2008).

Figura 9



Figura 10



Fischman (2005) observa diferenças no caso de professoras e professores. Estes últimos têm sua sexualidade potencializada e a masculinidade relacionada à disciplina e à ordem. As professoras, no entanto, seguidamente são “infantilizadas”, relacionadas ao âmbito doméstico, e, ainda, são apresentadas de forma assexualizada. Uma série de características são identificadas na relação estreita com as dinâmicas de gênero, bem como seus reflexos nas formas de organizar a carreira docente de homens e mulheres. Assim, há diferentes modos de identificar os docentes, de forma que os homens, apesar de em número significativamente menor nos quadros do magistério, são seguidamente chamados a assumir funções de liderança e autoridade na carreira. Das mulheres, por outro lado, é esperado carinho e afeto. Tais manifestações constituem-se não só expressão dos regimes de gênero na sociedade, mas também mostram a existência de outros processos relacionados com a formação e o status profissional e social dos docentes.

A vocação é vastamente representada. Muitas metáforas tentam representar essa dádiva da profissão, através de corações, velas, flores, árvores, jardins, etc., trazendo sempre a ideia de benevolência, caridade,

resignação, amor, e assim por diante. Estamos diante de uma representação quase religiosa da profissão.

### **Considerações finais: Imagens, docência e identidade**

O estudo que desenvolvemos com estudantes universitários em diferentes cursos e momentos de formação docente mostrou-nos que algumas marcas históricas e midiáticas da imagem docente se mantêm atuais.

Vimos que os estudantes, ao desenharem as figuras dos docentes, remetem-se a um professor vocacionado e cuidador, marcado pelo feminino da docência, construído no imaginário social e re-atualizado em diferentes discursos e materialidades, constituindo uma rede discursiva enraizada e ainda pouco desestabilizada pela formação universitária.

Os modelos de ensino apresentam algumas das discussões elaboradas na cena pedagógica, mas mantêm, em sua maioria, imagens de espaços escolares não problematizados, como se percebe nas gravuras a persistência da sala de aula, do quadro-negro e da mesa da professora.

Da mesma forma, permanece a relação com a aparência do professor, valorizada nas figuras, que oscilam entre imagens de docentes com vestimentas despojadas e as clássicas marcações de professoras com roupas que remetem à postura de uma professora de tempos passados.

Parece-nos inegável que a identidade docente seja um tema para profícuos debates. Como explicitam Weber e Mitchell (1996), ainda é importante problematizar a imagem do professor, pois essa imagem continua marcando identidades docentes com a metáfora da vocação e da doação e, desta forma, continua a ferir a ideia de uma profissionalização docente. Cabe-nos manter em evidência esse debate de forma a contribuir para uma maior problematização de temas como educação, gênero, vocação e modelos de ensino.

## Referências

BRITZMAN, Deborah. *Practice makes practice: a critical study of learning to teach*. Albany: State University Press, 1992.

DALTON, Mary. M. O currículo de Hollywood: quem é o “bom” professor, quem é a “boa” professora? *Educação & Realidade*, v. 21, n.1, p.97-122, jan./jun.1996.

FERREIRA, Liliana S. Escola, a gestão do pedagógico e o trabalho de professores. *Revista Diversa*, v. 2, p. 101-116, 2008.

FISCHMAN, Gustavo. Imágenes de la docencia: neoliberalismo, formación docente y género. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*. v.7, n.2, 2005. Acessado em 3 de março de 2007.

GIORDAN, Marcelo. Visões de Ciência e de Cientista. *Química Nova na Escola*, v. 15, maio de 2002.

GIROUX, Henry A. O filme Kids e a política de demonização da juventude. *Educação & Realidade*, v. 21, n.1, p.123-136, jan./jun.1996.

GOODSON, Ivor. *Currículo: Teoria e História*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1995.

HYPOLITO, Álvaro M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas/SP: Papirus, 1997.

HYPOLITO, Álvaro M. Relações de gênero e de classe social na análise do trabalho docente. *Cadernos de Educação* (UFPel), Pelotas, n. 4, p. 5-18, 1995.

LOGUERCIO, Rochele; DEL PINO, José Cláudio; SOUZA, Diogo. Educação em Bioquímica – um programa disciplinar. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Bauru/SP, v. 3, n. 2, p. 30-44, 2003.

LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antonio F. B. (Orgs) *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis(RJ): Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. *O currículo como fetiche*. A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999a.



SILVA, Tomaz T. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999b.

SILVEIRA, Rosa Maria H. Ela ensina com amor e carinho, mas toda enfezada, danada da vida: representações de professora na literatura infantil. *Educação & Realidade*, v.22, n.2, p.149-161, jul./dez. 1997.

SILVEIRA, Rosa Maria H. *Reflexões sobre representações de professoras e professores em coletâneas de crônicas e contos*. <http://www.ufrgs.br/neccso/downloadtextos.html> Acesso em maio de 2008.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx – roupas, memória, dor*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

WEBER, Sandra; MITCHELL, Claudia. Using Drawings to Interrogate Professional Identity and the Popular Culture of Teaching. In: GOODSON, Ivor; HARGREAVES, Andy. (ed.) *Teachers' Professional Lives*. London/Washington, DC : Falmer Press, 1996.

**Maria Cecília Lorea Leite**. Doutora em Educação pela UFRGS. É Professora Adjunta do Departamento de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel. Coordena o Grupo de Pesquisa "Gestão, Currículo e Políticas Educativas".

E-mail: mclleite@gmail.com

**Álvaro Moreira Hypolito**. Doutor em Educação pela Universidade de Wisconsin-Madison, USA. É Professor Associado do Departamento de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel. É co-líder do Grupo de Pesquisa "Gestão, Currículo e Políticas Educativas". Pesquisador do Cnpq. E-mail: alvaro.hypolito@gmail.com

**Rochele de Quadros Loguercio**. Doutora em Educação em Bioquímica pela UFRGS. É Professora Adjunta do Instituto de Química e do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde. Participa do Grupo de Pesquisa "Área de Educação Química".

E-mail: rochelel@gmail.com

Submetido em: dezembro de 2009

Aceito em: maio de 2010